

## Tempestades e reconstruções

*Por Mário Ferreira*

Era o início de uma noite úmida e gelada de agosto. O vento açoitava a lona encardida da barraca, assobiava ameaças, bulia com os trens e as ferramentas, entortava as árvores do capão de mata vizinho e prenunciava a tempestade. Os relâmpagos alumiam a escuridão, os trovões complementavam os uivos da ventania. Excetuados os ruídos do temporal, reinava ali no acampamento e nos arredores o mais absoluto e respeitoso silêncio. De fato a mudança no tempo havia se iniciado bem mais cedo, ainda no meio da tarde. Os passarinhos, encorujados e com as penas arrepiadas, voaram serenos para os poleiros mais protegidos nas ramagens na beira do ribeirão. Os animais, as vacas, as cabras e os cavalos, enfileirados buscaram abrigo embaixo das velhas figueiras na beirada da mina. Bem que o seu Adão Carvoeiro, um índio velho e solitário fugido da miséria e das ameaças dos fazendeiros do pantanal do Mato Grosso (fora libertado do trabalho escravo pelos fiscais do Ministério do Trabalho), alertara os companheiros: - Vem chuva braba e friagem sim senhor, pode esperar. As pouco mais ou menos 250 famílias que estavam acampadas havia quase 2 anos ali nas terras da Usina Araçá sabiam que o índio velho era quase infalível em suas previsões, e por isso mesmo era melhor não abusar. Aquela gente abandonada pela sorte era calejada pelas durezas da vida e sabia que, tendo quase nada, a precaução era um imperativo; qualquer pouco perdido seria de grande custo para a sobrevivência naquela vida precária do acampamento. Trataram logo de abrigar as ferramentas e os pertences que não cabiam nas barracas. Puseram no barracão (o único do acampamento) que servia de paiol para insumos de produção e de armazém para os produtos de consumo. Cuidaram ainda de proteger os pequenos animais, especialmente os filhotes, os leitões, os bezerros e as galinhas chocas e seus pintinhos. Quando o vento abrandou veio com tudo a chuva de granizo.

Janaína estava aninhada na cama, entre os pais, abraçada à irmãzinha, repetindo com fé infantil a reza que a mãe dedicava a Santa Bárbara, Santa Clara e todos os santos. Não sentia frio, a mãe havia forrado com jornais, por baixo do lençol de retalhos, o colchão de capim apoiado no estrado de varas, montado sobre quatro forquilhas; cobriam-se com um cobertor corta febre que haviam recebido em doação da pastoral da terra e com os dois pelegos antigos que o pai usava nas cavalgadas. Jane (era como a menina era mais conhecida) também não sentia medo. Em seus oito anos de aventuras aquela menina magrela, morena (quase mulata), forte, rija, queimada pelo sol, cabelos encaracolados, olhinhos vivos de jabuticabas, aprendera com o pai que fugir dos perigos não adiantava de nada e que a quem tem fé e razão o Criador jamais desamparava. Foi assim que enfrentaram juntos a situação quando o acampamento foi invadido de madrugada pelos jagunços mandados pelos sócios da Usina Araçá. Naquele dia, ela estava bem lembrada, foram acordados com o tropel dos cavalos, com os estalos de relho, com os tiros, para o alto e para o chão (um dos tiros atingiu a perna de um vizinho de barraca), com as ameaças. Muitas mulheres e crianças choravam desesperadas. Jane, no entanto, ficara o tempo todo ao lado do pai, não aparentara nenhum temor, a testa franzida e os olhinhos crispados traduziam seus sentimentos. Não sabia de quem e nem direito do que se tratava, mas o fato é que a menina fora tomada ali, por primeira vez, pela ira santa dos injustiçados e sentiu muita raiva. Jane também enfrentou com desassombro a revista geral feita no acampamento pela polícia militar, permaneceu o tempo todo firme e calma ao lado do pai. Naquela tarde de sábado os policiais invadiram as barracas, reviraram os colchões, esvaziaram os potes d'água; estavam em busca de armas, haviam recebido denúncia, conforme afiançara um oficial. Não encontraram grande coisa e para não desperdiçar a viagem levaram parte das ferramentas: algumas foices e meia dúzia de facões. Jane assistiu a tudo calada, não deu um pio. O peito apertado era pura irritação, não era medo. Tristeza graúda, choro copioso e dor profunda a menina havia experimentado mesmo no verão passado, quando o irmãozinho mais novo, vítima da

desidratação, virou anjinho (conforme a mãe garantiu). Já era inverno, mas a visão do caixãozinho branco enfeitado com flores do campo e fitas azuis ainda assombrava amiúde os sonhos de Jane. Vez ou outra, a menina acordava em prantos, fugia do colchão jogado no chão da barraca onde dormia com a irmão e corria para o ninho, no meio, na cama precária dos pais.

A tormenta só cessou já no meio da madrugada. Assim que a luz baça do sol de inverno deu os primeiros sinais o acampamento principiou acordar. Aos poucos, aquela gente teimosa e maltratada começa dar sinais de vida. Brotam das tendas homens, mulheres, crianças, as menores no colo das respectivas mães ou enganchadas na cintura. Não demora está formada uma estranha procissão de desamparados. O burburinho vai aumentando, há uma mistura de agradecimentos a Deus por ter evitado o pior, de lamentações, de preces; não há revoltados. Avaliam os prejuízos, individuais ou coletivos; perdeu-se de tudo um pouco do quase nada que tinham. Algumas aves pereceram. Morreu um capado (sangraram logo para aproveitar a carne e o toicinho), uma das cabras e duas novilhas estavam alongadas. O estrago maior, entretanto, foi na agricultura; as hortaliças, o feijão e as plantas medicinais estavam praticamente destruídos. Os prejuízos no cafezal só poderiam ser bem avaliados depois de alguns dias, duas a três semanas talvez. É que nos talhões localizados nas baixadas as ramas exibiam as gemas levemente entumescidas e nos altos, nos topos das colinas os pés já estavam abotoando, já principiavam a exalar o cheiro único, adocicado, prenúncio da florada.

A manhã transcorreu fria, bafejada pelo vento cortante, as ruelas encharcadas pela água gelada e barrenta que escorria do granizo derretido. Desde a madrugada, seu Vitalino, o líder mais velho do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) ali no acampamento, comandava com energia e agilidade de menino as ações de enfrentamento do desastre provocado pela tempestade. Aquele mineiro magro, pardo, espigado, já beirando os sessenta, corria ligeiro para todas as bandas, como que flutuando com as botinas tingidas de barro. Usava sua experiência de militante antigo para liderar os companheiros. Juntou alguns homens, mesclando os jovens mais fortes com os mais velhos e mais habilitados para construção, e organizou uma brigada para tratar dos reparos das barracas. Outro grupo, comandado por uma das mulheres, foi encarregado de recuperar o que fosse possível na horta e no pomar. As mulheres, em sua maioria, trataram de lidar com o capado e de preparar o almoço comunitário lá no barracão. Naquele dia as crianças ficariam sem aula, os danos na estrada impediram a vinda da professora. As mulheres muito mocinhas e as mais velhas trataram logo de entreter as crianças com brincadeiras e histórias lá no prédio da escolinha. E assim, já quase esquecida da catástrofe, aquela gente teimosa, maltratada e bonita estava de novo se rindo da própria desgraça, cantarolando modas sertanejas e fazendo galhofas. Era renhida a luta, havia cansaço e até alguma tristeza, mas ninguém estava desalentado. Como bem disse o velho Vitalino: - vamos reconstruir tudo, vai dar muito trabalho, mas já estamos acostumados, medo não temos, temos é muita fé, e feio é o desânimo.

Janaína ficou o tempo todo lá no alto, sentada na mureta defronte à escola, apartada das outras crianças. De início a menina estava triste, peito apertado, depois acalmou, enlevou-se com a alegria sonora dos canarinhos da terra, tico-ticos, coleirinhas, chopins e rolinhas disputando a quirera com os pintinhos. Com o canto do sabiá laranjeira, dos sanhaços, das saíras e dos tiês-pretos na mata vizinha. O sol das onze brilhava pálido e limpo, iam todos almoçar. Jane seguiu abraçada ao pai, a irmãzinha no colo da mãe; caminharam juntos, quase felizes. E assim a vida foi retomando seu curso torto no Acampamento do Araçá.

Devo aos leitores, antes que me acusem de inventação, como diria o Vitalino, as explicações a respeito da origem daquela ocupação. Conto então como o caso foi. A Usina do Araçá S/A foi uma das tantas surgidas nos anos setenta na esteira do Programa Nacional do Alcool (Proálcool). No jantar anual da maçonaria um grupo de fazendeiros e políticos da região, estimulados pelo deputado Bonifácio Alencastro (ele próprio ficaria com 10% do empreendimento, trabalharia para facilitar a liberação dos recursos), acertaram o início da empreitada. Preparado e encaminhado o projeto, não

tardou estavam liberados alguns milhões, pois, como bem sabem os leitores, no Brasil, quando se tem um bom padrinho, não se discutem em profundidade a justiça e a necessidade das coisas. Cabe ao estado regar os grandes para dar alguma sombra aos pequenos. E a família do nosso deputado Bonifácio tem ramificações das pequenas prefeituras da região, passando pela assembleia estadual e chegando às altas cortes em Brasília. Em dois tempos a usina estava pronta. Durante quase dez anos os sócios aproveitaram os “incentivos” do governo, estimularam o plantio de cana na região, arrendaram propriedades menores, dominaram o mercado de trabalho e juntaram dinheiro a rodo. Depois, era prática corrente na época e continua até hoje, deixaram de pagar os financiamentos, atrasaram os impostos, o pagamento dos contratos de arrendamento, os salários e finalmente fecharam a empresa, claro era culpa da crise. E assim, como é o costume na terra dos Bonifácios, o litígio entre os sócios (entre eles) e com os credores foi parar na justiça. Apesar (ou por causa) do empenho das partes, o processo aguarda que a nossa Têmis tupiniquim, caolha e lerda (quando convém), dê cabo da disputa milionária. Deu-se então que depois de um pouco mais ou menos doze anos de abandono das terras, organizados pelo MST, aqueles brasileiros excluídos e sem esperança decidiram ocupar a área; e estão por lá, já se vão cinco longos anos, enfrentando as intempéries, semeando sonhos e colhendo esperança. Quanto aos usineiros, não se preocupem os leitores, continuam elegendo seus representantes e, sentindo o cheiro e o sentido dos ventos, criaram um fundo de investimentos. Agora as festas são ainda mais animadas e frequentes nos palácios e nos mercados, é que eles descobriram que não é preciso mais produzir nem álcool, nem açúcar, nem mariolas, nem nada para lucrar, basta comprar e vender informações convincentes (privilegiadas?) para quem vive da especulação e sofre da ganância. E, como diz o mestre Vitalino: - dinheiro chama dinheiro, meu filho; e o cão obra sempre no monte maior.

Passados pouco mais ou menos quinze longos anos, permitam-me os leitores, voltamos ao agora Assentamento do Araçá. Não se trata de um acampamento, lá não há mais barracas. A vida naquelas paragens agora é outra. Alguns se foram, desanimados pelas dificuldades, outros premidos pela doença, outros ainda, alguns dos mais jovens principalmente, decidiram tentar melhorar de vida nas cidades. As 198 famílias que resistiram romperam com a miséria. Permaneceram no acampamento agora convertido em assentamento, pouco mais ou menos 1.000 trabalhadores. Vivem em casas bem simples, sala, cozinha, dois quartos e banheiro, de alvenaria, forro de madeira, cobertas com telhas francesas; brancas, azuis, amarelas, claras, a cor das paredes contrastando com o colorido forte das pequenas janelas. Os pisos sempre revestidos com cerâmica barata, cacos às vezes. Aquelas criaturas não se cabem de contentamento, quase todos estão experimentando pela vez primeira o conforto da casa com água encanada; boa parte daquelas mães criaram os filhos na precariedade do acampamento. As casas estão agrupadas em 4 colônias localizadas à beira da estrada que faz a ligação entre os lotes e a sede da cooperativa. Ao redor das casas, na cabeceira de cada lote e nas beiradas do carreador, estão espalhados ipês, aroeiras pimenteiras, jabuticabeiras, mangueiras, pitangueiras, ingazeiros, araticuns, goiabeiras, araçás, jaracatiás, pau d’alhos, paineiras, cerejeiras do mato, angicos; uns nativos, outros plantados; uma profusão de tamanhos e formas onde se destacam aprumadas e simétricas as palmeiras, especialmente as jerivás, as macaúbas e as guarirobas. Em volta das casas, em jardins modestos e rústicos, alastram-se desarrumados ao acaso espadas de São Jorge, pés de arruda e guiné (para proteger do mau-olhado), samambaias, manacás, pequenas roseiras mal podadas, margaridas, dalias, onze-horas; algumas em vasos improvisados, outras plantadas diretamente no chão. Uma profusão de cores e perfumes misturados ao cheiro das galinhas, dos gansos (importantes para matar as cobras), dos perus (poucos), dos cachorros e dos gatos, estes sempre abundantes, brincado com as crianças. Leva-se por ali agora uma vida modesta, pacata, sem grandes ambições e apartada da miséria. As famílias cuidam individualmente de seus lotes. Planta-se e cria-se de quase tudo, cada um com sua vocação, mas a cooperativa informa, orienta e ajuda para que cada um obtenha sucesso na produção. Produtos como café orgânico, leite, milho, arroz, feijão, mandioca, aves, suínos, hortaliças e frutas, os excedentes são comercializados pela cooperativa. Os recursos para construir a estrutura de armazenamento, embalagem e distribuição, e até para a pequena indústria de linguiças e laticínios, foram obtidos de vários órgãos

públicos e de organizações não governamentais de apoio do país e do exterior. O trabalho duro, diário e permanente daquele pessoal de luta, entretanto, foi a base para a formação e o crescimento da cooperativa. A lida diária no assentamento estava longe de ser um passeio, é como dizia e repetia sempre o velho Vitalino: - Vida de pobre, senhor, é batalha diária, quando não piora já melhorou.

É ali, numa casinha branca, escondida atrás dos verdes variados do arvoredo, perfumada de manacá e café, na colônia mais próxima da escola, que mora a professora Janaína, a tia Jane, como é chamada pela criançada. A menina crescida no acampamento, nas barracas, já havia tomado feições de moça brejeira, morena e doce, cabelos negros curtos, encaracolados, faceira, sorriso largo, luminoso como as manhãs de setembro, quando a família mudou-se para aquela casa. Nem é preciso dizer que a mudança foi um momento de felicidade sem precedentes na vida da família. Jane, porém, gozou pouco a alegria, foi morar na cidade pouco tempo depois, ganhou bolsa de estudo no ProUni<sup>1</sup>, foi estudar pedagogia. Foi um tempo de saudade e encantamento. Enquanto lambia as lágrimas salgadas da saudade da família, Jane descobrira as doçuras do primeiro amor. Foram 4 anos maravilhosos, daqueles que só acontecem na juventude, quando tudo é para sempre e as dúvidas são quase inexistentes. Na faculdade, abriu-se para Jane um mundo novo, pleno de sonhos, e aos poucos a saudade de casa foi dando lugar às alegrias diárias do convívio com os amigos e às delícias do namoro. Nas férias Jane deleitava-se com a família e o convívio com os amigos de infância. Ali era ainda mais feliz, junto de sua gente. No segundo semestre do último ano da faculdade deu-se, entretanto, o inesperado: a nossa quase professora descobriu que estava grávida. E aí, como alertava sempre o seu Vitalino, a situação tomou outro rumo, tomou caminho imprevisto e indesejado. - A vida é de sacolejos, senhor. Quando está muito justa e acertada é preciso tomar cuidado, pois não há tempo bom que dure para sempre e, mais dia menos dia, tudo vai desarranjar-se antes de retomar um certo sossego. E foi assim que Janaína recebeu o tranco e foi apresentada de supetão à dura realidade da natureza humana. Quando soube da gravidez o namorado pulou fora, gostava da moça, mas não teve força e coragem suficientes para resistir à pressão da família de classe média alta (o pai juiz de direito e a mãe era advogada); não haveriam de querer ver o filho casado com uma caipira do pé rapado, ainda por cima filha de sem terras. Quando soube que o pai do neto havia fugido da responsabilidade o Alceu, assim se chama o pai de Jane, ficou muito vexado e passou algumas noites insones. Varava as madrugadas, meio desperto meio mergulhado em sonhos ruins. Em cada pesadelo real Alceu planejava em detalhes o acerto de contas com o sedutor fujão, aquele arremedo de homem que tinha abusado de sua menina. Certas vezes cobria o frangote com uma coça caprichada, uma bela sova de cipó de aroeira; despertava suado de tanto esforço. Outra feita acordava com os gritos do garanhão sendo capado a canivete, a creolina derramada bem devagar na ferida para não zangar, o malandro tinha que ficar curado, precisava viver bastante para pagar o pecado. Devagar os devaneios foram rareando, os meses passaram ligeiros com a corredeira do ribeirão e a dor foi se acalmando. Logo Alceu passou a ficar comovido cada vez que botava os sentidos nas transformações da filha. A barriga crescendo misteriosa, redonda, a sua menina feliz como ele nunca vira, o rosto macio de mulher grávida, o sorriso sempre luminoso. Aquilo era vida brotando, não combinava com nada que não fosse amor. O pai já não sentia mágoas, estava tomado de ternura.

Alceu Neto nasceu numa tarde de domingo, morna e iluminada pelo sol da primavera, em 21 de outubro. Alguns meses depois a professora Janaína retomou as atividades na escola. Amparado pelo leite materno, pelos cuidados da avó e pelo carinho da família, o menino crescia rapidamente, como dizia o velho Vitalino, crescia como abobrinha, forte como um bezerro nelore. Assim, lentos e serenos, transcorreram os anos seguintes. Jane alternava o trabalho com as festas (poucas) ali do assentamento, as raras visitas à cidade e as alegrias e agruras da maternidade. Jane não se cabia de felicidade. Perto dos trinta, já de um tempo estava de namorico com um jornalista que conhecera

---

1 O Prouni (Programa Universidade para Todos) é um programa de bolsas de estudo do Ministério da Educação com o propósito de promover a inclusão de jovens de baixa renda no ensino superior. O programa oferece bolsas de estudo parciais e integrais a estudantes brasileiros sem diploma de nível superior.

pelas redes sociais. O rapaz trabalhava em um jornal da capital e vinha sempre que possível visitar a namorada. Falavam-se diariamente pela internet, estavam apaixonados, pensavam até em casamento. A calma, entretanto, foi sacudida de repente, foi como se alguém, do nada, jogasse uma enorme pedra nas águas daquele poço de tranquilidade. De repente aquela gente sofrida teria que se preparar para mais uma tempestade, anunciava-se de novo um tempo de águas agitadas e turvas. Desta vez as nuvens pesadas, o ataque inesperado como o bote da jararaca, vinha do judiciário. Jane fora avisada pelo namorado que o desembargador Deodoro de Orleans e Alencastro, do Tribunal Superior do Estado, por acaso, e apenas por acaso, posso garantir aos leitores, primo distante do deputado Bonifácio, acabara de conceder, a pedido de um dos sócios da falida Usina do Araçá S/A, uma decisão liminar para reintegração de posse de parte das terras do Assentamento do Araçá. A novidade circulou como um raio entre os assentados e na vizinhança. Como bem disse o velho Vitalino: - Notícia boa carece de ajuda para se espalhar devagar como a tartaruga, sim senhor; mas basta o trem ser ruim para alastrar tão depressa como um corisco, é coisa do capiroto. No assentamento, em reunião tensa, sem meios nem recursos, ainda assim, por ampla maioria, decidiu-se pela resistência. Para encurtar a prosa, perdoem-me os leitores se pulo os detalhes mais tristes, foram seis longos dias de angústia, insônia e sofrimento para aqueles viventes: mulheres, crianças e homens que vincados na pele e na alma pela incerteza, pelas carências, pela exclusão e pelas agruras diárias, nunca deixaram de buscar um cantinho iluminado por uma nesga de luz do sol da esperança. Suas vidas, alegrias, histórias, sofrimentos, segredos e sonhos foram, porém, simplesmente ignorados na referida decisão judicial.

No sétimo dia não houve descanso. Mal acabara de raiar o sol, o assentamento estava cercado por dezenas de viaturas da polícia militar. Homens fortemente armados e protegidos estavam preparados para enfrentar uma batalha imaginária, contra inimigos terríveis, armados de esperança, cujo único crime era labutar diariamente para retirar daquela terra que amavam o sustento dos filhos. O governador do estado, um bilionário por herança, mandara até um helicóptero para garantir a decisão daquilo que no Brasil os donos do poder chamam de justiça. Alguns poucos jornalistas presentes relataram os acontecimentos que no noticiário da imprensa não tomariam mais que alguns segundos, tomando-se sempre o cuidado de ressaltar que a polícia fora mobilizada para cumprir uma decisão judicial e para garantir a lei e a ordem. Alguns poucos políticos de oposição ainda tentaram uma negociação, por fim frustrada. Não demorou, voaram as bombas de efeito moral (gás lacrimogênio), aumentou o choro doído daquelas mulheres e crianças; os homens também lacrimejavam, agora não precisavam mais disfarçar. A seguir entraram os tratores, demoliram a escola, uma dúzia de casas e arrancaram as cercas e o cafezal. Aqueles trabalhadores da opressão estavam treinados para massacrar o povo e servir ao capital. Não sei, e jamais saberão os leitores, se quando reencontraram os filhos, em suas casas modestas, aqueles pobres coitados tiveram algum outro sentimento que não o do dever cumprido.

Passadas duas semanas, os despejados continuavam abrigados em uma escola na cidade, recomeçariam do nada a luta por um pedacinho de terra; no assentamento muitas crianças às vezes acordavam assustadas em meio aos pesadelos, aos tiros e às bombas. Os trabalhos diários retomaram a rotina e já havia até cantorias no final do dia no armazém da cooperativa. Aquela segunda-feira amanheceu leve, morna e iluminada. O céu estava claro, luminoso, entrecortado aqui e ali pelos passarinhos em revoadas. Um grupo de homens e mulheres já trabalhavam duro na recuperação do pouco que sobrara da escola. Separavam a madeira, os tijolos, enfim tudo que pudesse ter alguma utilidade na reconstrução. A professora Janaína trocava palpites com o engenheiro da prefeitura, estavam iniciando mais uma reconstrução. Assentados na ponta da mureta defronte à escola, o único pedaço que restara da demolição, conversavam animados o menino e o avô. Seu Alceu já não tinha saúde para enfrentar o trabalho pesado, andava debilitado pela Doença de Chagas, não suportava mais esforço muito grande devido à fraqueza do coração. Diante das limitações libertadoras da doença, o velho, antes sempre ocupado com a sobrevivência da família, tinha agora todo o tempo do mundo, o que no seu caso (imaginava) não haveria de ser muito, para

ensinar ao neto a arte aprendida com o Adão Carvoeiro. Alceu Neto acompanha tudo com a vivacidade e a atenção típicas dos meninos encantados com o que é novo na vida. Aprendia as características de cada animal, os hábitos de vida, a alimentação, a plumagem, o comportamento típico dos machos e das fêmeas, e o mais importante, o gorjeio, o trinado de cada um. Tentava repetidas vezes, até a perfeição, reproduzir com os pios os sons dos passarinhos de acordo com as lições do avô. Primeiro a juriti, depois o jacu, o inhambu, o marreco, o jaú, o bem-te-vi, o sabiá laranjeira, o tucano, o macuco, o grilo. Era comum os dois ficarem assim enlevados, esquecidos do tempo. Janaína parou para beber água, ouviu de longe a prosa e os sons, acenou para os dois e sorriu. Estavam todos reconstruindo, quase felizes.